

A LIÇÃO DOS CLÁSSICOS EM CAMILO CASTELO BRANCO



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA



Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Católica Portuguesa | Braga

Congresso
Internacional

12
13
14 Abril 2018

(2) Há nove anos que ando metido em eleições. Aí está o senhor abade que não me deixa mentir. **Tenho arranjado** votos para os senhores Cabrais; alguns me **custaram** o meu dinheiro (...) **Tenho sido** uma vítima, sempre leal ao partido da Carta; e nunca **pedi** nada; antes, pelo contrário, **tenho dado** muito bons pintos para comes e bebes eleitorais, e onde **era preciso falar**, ia eu; e, bem ou mal, **explicitava** o pensamento, **dizia** aos lavradores o que é a república (...) *Eusébio Macário*, p.120; Casa comigo, faz-me baronesa e por fim se eu não **tenho habilidade de meter** as jóias na algibeira **ficava** para aí, eu sei cá? *A Corja*, p. 160.

➤ **João Paulo Braga** – Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho (jpbbragasilva@hotmail.com):

Os clássicos nas margens da ficção camiliana.

O narrador de *Vingança* penitencia-se do vezo de interromper fio da diegese com “citações latinas e outras mexerufadas de erudição, que esfriam o anseio de ler a novela, sem paragens enfadonhas”. Essa inclinação para alusões e citações clássicas reflete-se também, e aí sem o risco de esfriar o interesse do leitor, nas margens paratextuais das narrativas: em textos preambulares, nas epígrafes de início da narrativa ou de capítulo, nos títulos de capítulo, nas notas de rodapé.

Ostentando a sólida cultura clássica de Camilo, esses laços intertextuais configuram o lastro erudito dos narradores, mantendo, por outro lado, importantes relações de sentido com o interior dos textos com os quais se articulam. É nosso objetivo rastrear a presença dos clássicos gregos e romanos nas margens da ficção camiliana, indagando os sentidos, os efeitos estético-literários e pragmático-discursivos explorados pelos narradores nessas relações intertextuais.

➤ **José Cândido de Oliveira Martins** – Universidade Católica Portuguesa (cmartins@braga.ucp.pt; martins.candido@gmail.com):

Intertexto clássico na escrita das “Novelas do Minho”: natureza e funcionalidade.

Tal como acontece em outras obras, também em *Novelas do Minho* (1875-77) Camilo Castelo Branco recorre a um variado e expressivo intertexto clássico colhido na Antiguidade grego-latina. Fruto da sua formação escolar e de hábitos de leitura voraz, espelha uma vasta cultura, sob a forma de actuante memória literária. Para uma maior compreensão, importa reflectir sobre a natureza e diversidade deste intertexto clássico; sobre a variedade dos registos adoptados (desde o sério e erudito ao facetado e ao parodístico); bem como sobre a funcionalidade diversa deste intertexto na economia dos universos narrativos camilianos.

➤ **Maria Manuela Brito Martins** – Universidade Católica Portuguesa, Porto (mbmartins29@gmail.com; mmartins@porto.ucp.pt):

Os elementos clássicos e filosóficos na obra de Camilo.

É num pequeno livro intitulado *Rapsodia Camiliana*, onde se compendia uma seleta muito esparsa e variada de alguns textos autocríticos de Camilo Castelo Branco (1825-1890), no qual se pode ler o que o próprio escritor diz a respeito da utilização que faz dos clássicos e, muito em particular, dos clássicos latinos, na sua obra. Na verdade, este escrito singular pode atestar-nos o seu apego aos “mestres da latinidade”. Contudo, devemos, de imediato, assinalar que nesta «lição dos clássicos» não podem entrar unicamente os poetas, os literatos e os críticos, mas também os filósofos. Camilo é por entre os nossos escritores do século XIX aquele que escreveu mais «desenfreadamente» e que alguns se apressam hoje a dizer que o fez, por razões de sobrevivência, acreditando eles, tacitamente, naquilo que o próprio escritor confessava na época. Mas, o mais provável é que esta verdade prosaica da sua existência não seja a única e exclusiva razão para esse facto. Ao lermos a sua obra ficcional e, em particular, os seus romances presenciamos a inquietação da sua escrita, sedenta de novas formas de realização do romance, a que as próprias personagens são impelidas a realizar. Dentro desta perspetiva o classicismo literário e poético, mas também de cariz filosófico, é introduzido como uma forma que recompõe a sequência das estratégias das personagens, no desenrolar da ação. É aqui que o escritor mostra a sua genialidade, dando pleno